

A Luta Contra o Racismo e Contra a Decolonialidade para uma Brasilidade

Edson Bomfim dos Santos

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO: As evidências de um racismo estrutural, forjado na translação conceitual eurocêntrica¹, absorvida pela nossa intelectualidade por meio da colonialidade mental², tendo como base as teorias racialistas e eugênicas que predominaram na Europa Ocidental no final século XIX e início do século XX, ganhando grande receptividade em terras brasileiras, fundamentaram a formação do pensamento social brasileiro e vários setores de nossa sociedade e impregnou-se no interior do Estado a partir das suas composições antidemocráticas que perduraram por um amplo período. Este fenômeno de conformação do pensamento social brasileiro com fortes indícios racialistas não se desenvolveu sem uma resistência epistemológica a qual procuramos evidenciar através do conceito da “redução sociológica” cunhado por Guerreiro Ramos, o qual visualizava uma análise crítica dos conceitos pretensamente universalizantes advindos do ocidente e absorvido integralmente por nossas elites, exigindo a necessidade de ter como paradigma a realidade histórico social brasileira. Para tanto, desenvolveremos por meio de uma pesquisa bibliográfica e da intertextualidade com diversos de seus comentadores e outros autores brasileiros consagrados da época, além do diálogo com Anibal Quijano através da colonialidade do poder³ e Walter Mignolo com o giro decolonial⁴, onde busco

¹ O termo é aqui utilizado de maneira metafórica, com o intuito de interpretar o movimento de transferência de conceitos, no caso específico, tratando-se de conceitos oriundos da Europa Ocidental, conceitos estes absorvidos e submetidos a sociedade brasileira sem que se tenha em conta a sua realidade sócio histórica.

² A colonialidade mental, trata-se da apreensão e incorporação do pensamento eurocêntrico em contradição a busca de um pensamento próprio baseado na realidade da nossa sociedade, ou seja, a partir da realidade brasileira.

³ A colonialidade do poder é uma interpretação crítica da influência hegemônica exercida sobre os estados que compõem à América Latina, podendo ser também estendida à África, pelo mundo globalizado sobre as influências eurocêntricas e estadunidenses como novo padrão do exercício de poder mundial, através do sistema capitalista, levando em conta o elemento de dominação de “raça” na sua imposição, visto que estes continentes são dominantes as populações originárias (indígenas) e negras.

confrontar as evidências da conformação do racismo estrutural no interior da nossa sociedade.

Palavras chaves: translação conceitual; colonialidade do poder; estruturalidade do racismo.

ABSTRACT

The evidence of structural racism forged in Eurocentric conceptual translation, absorbed by our intellectuality through mental coloniality, based on the racist and eugenic theories that predominated in Western Europe in the end 19th and early 20th century, gaining great receptivity in Brazilian lands, based on the formation of Brazilian social thought and various sectors of our society and impregnated within the State from their compositions who lasted for a long period. This phenomenon of conformation of Brazilian social thought with strong racist indications did not develop without an epistemological resistance that we seek to evidence through the concept of "sociological reduction" coined by Guerreiro Ramos, which visualized a critical analysis of the supposedly universalizing concepts coming from the West and absorbed entirely by our elites, demanding the need to have as a paradigm the Brazilian historical reality. To this end, we will develop through a bibliographic research and intertextuality with several of its commentators and other Brazilian authors consecrated at the time, in addition to the dialogue with Anibal Quijano through the coloniality of power and Walter Dignolo with the decolonial gyration, where I seek to confront the evidence of the conformation of structural racism within our society.

Key words: conceptual translation; coloniality of power; structurality of racism.

⁴ É o movimento de resistência epistemológica, política e prática, a qual sugere-se ser aplicado pelos países sobre a influência hegemônica da colonialidade do poder.

1. OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa se encontra na conformação da evidência da estruturalidade do racismo no pensamento social brasileiro, a partir da translação conceitual eurocêntrica e estadunidense que se incorporam as políticas de embranquecimento desenvolvidas pelo Estado brasileiro desde o período do Segundo Império e que perdurou durante parte significativa da República Velha e que deram conformação a um projeto de branquitude, nem sempre explicitamente constatado, mas, que se desenvolveu entre nós a partir da negação de nossa pluriétnicidade e da marginalização social das populações não brancas.

Objetivos Específicos:

- Constatar uma resistência epistemológica ao projeto de branquitude⁵, a partir da negação de nossa pluriétnicidade e diversidade cultural, tendo como objeto de estudo a proposta de redução sociológica em confronto com as posições hegemônicas;
- Constatar as evidências contidas no conceito de redução sociológica com os conceitos de colonialidade do poder e giro decolonial, na necessidade de um exercício pleno de cidadania, logo o fim da marginalização social e consequentemente o racismo;
- Constatar a utilização da translação cultural intencionalmente ou não na manutenção de um sistema excludente e consequentemente na naturalização do racismo;
- Conformer uma ruptura entre a naturalização do racismo advinda da conformação consensuada a partir das epistemologias universalizantes, nos remetendo a um giro decolonial, favorecendo um olhar a partir de nossa

⁵ Tomo aqui como projeto de branquitude o processo sistemático de negação de cidadania as populações não brancas, política de imigração europeia e a translação conceitual, que não apenas marginalizaram e marginalizam setor da sociedade como também, procura garantir seu status quo através da universalização de políticas públicas, condenando assim as populações marginalizadas a este status de marginalização ou estigmatização no interior da sociedade.

própria realidade e proporcionando um novo olhar em busca da superação do racismo.

2. JUSTIFICATIVA

A inexistência de um processo de integração da população ex-escravizada na sociedade brasileira sofreu grande resistência, tendo mesmo os ex-senhores de escravos exigido do Estado uma indenização por suas “perdas econômicas”, simultaneamente foi desenvolvido um projeto de imigração de populações europeias como forma explícita de embranquecimento físico da nossa população onde foi projetado que com a miscigenação ou relações inter-raciais levariam ao desaparecimento do elemento negro da população brasileira.

Em paralelo a absorção e apreensão dos conceitos racialistas e eugenistas por nossas elites e Estado, nos leva a conceber um projeto de branquitude onde a eliminação negroide se faz presente, assim sendo, sistematicamente temos o embranquecimento físico, a omissão da presença negra como realidade, através da negação da pluriétnica e exaltação da branquitude, além do estímulo a miscigenação e afirmação de uma democracia racial, favorecendo assim a desresponsabilização do Estado diante da população negra.

Importante destacar aqui alguns recortes do relatório apresentado pelo Dr. João Baptista de Lacerda, Director do Museu Nacional e delegado do Brasil ao Congresso Universal das Raças, ocorrido em Londres entre os dias 26 à 29 de julho de 1911.

Para o entendimento do que chamamos aqui de translação conceitual, nos é importante nos referirmos de imediato à apresentação do relatório na seção dedicada do “leitor”:

“Por minha parte sinto-me feliz de haver contribuído com este relatório para difundir nas classes instruídas do meu país

impressões movas sobre o movimento de atração e de cordialidade recíprocas, que se está agora manifestando entre os povos do Oriente e do Ocidente”. Lacerda 1913⁶

Avançando em direção a defesa da posição do Brasil neste congresso, o Dr. Lacerda responde as críticas recebidas sobre o seu posicionamento em relação aos mestiços no Brasil, - tais críticas que recaiam sobre a sua benevolência com as populações não brancas e sobre a pretensa maioria negra da população brasileira, o que demonstraria para o exterior um rebaixamento do país -, exaltando principalmente as críticas elogiosas recebidas pela imprensa de Londres e Paris; exalta ainda que o seu trabalho se encontrava fundamentado na observação e na ciência o qual manteve a sua conclusão:

“Provavelmente antes de um século a população do Brasil será representada, na maior parte, por indivíduos da raça branca, latina, e para a mesma época o negro e o índio terão certamente desaparecido desta parte da América” Lacerda 1913; p. 95

Não é demais lembrar que Dr. Lacerda reconhecia a diversidade étnica da raça branca presente no Brasil e concebia para tal um novo conceito ou definição a qual chamou de raça branca latina, devido a crescente imigração de portugueses, espanhóis e italianos. Por outro lado, ao conceber o desaparecimento das raças negra e indígenas, Lacerda se baseou em dados “estatísticos oficiais” produzidos pelo Dr. Roquete Pinto, professor de “anthropologia” do Museu Nacional, que constatava a progressividade da queda do número de negros no país.

Percebo aqui evidências para o que posteriormente será uma defesa mais enfática da miscigenação apresentado por Artur Ramos e Gilberto Freire, encontrando neste último a romantização e “harmonização consensuada” nas relações inter-étnicas ocorridas no período escravagista e que norteou o posicionamento do Brasil diante das demais nações ou para o exterior.

⁶ Transcrição respeitando o português ou grafia da época.

Não é demais lembrarmos que o Estado brasileiro após a “abolição da escravatura” simplesmente abandonou esta população a sua própria sorte, enquanto se manteve subsidiando e estimulando a imigração, sendo permitido a população negra acessar a educação por parte do Estado após a promulgação da primeira LDB na década de 1930, enquanto organizações negras como a Frente Negra Brasileira, oferecia cursos a nível educacional e capacitação técnica.

Outrossim, não podemos deixar de destacar que é também com a chegada dos imigrantes que se intensifica por aqui os debates sobre o anarquismo e comunismo, sendo bastante influente entre os trabalhadores, porém em contrapartida, é com estes também que é inspirada a Associação Integralista Brasileira, de concepção fascista.

Todo este quadro conjuntural não passa despercebido e tem grande influência em nossa sociedade e se soma a queda da República Velha, marcada principalmente com a chamada, política café com leite, com a gestão do Estado brasileiro sendo dividida por Minas Gerais e São Paulo, e o golpe militar o qual Getúlio Vargas assume a presidência, para posteriormente instalar o Estado Novo.

É a partir deste quadro que caracterizo o referido estudo, onde a presença negra em nossa sociedade é vista de forma objetificada pelo olhar antropológico e a sua interação social se desenvolve a partir de políticas universalizantes, condenando-os ao seu ‘eterno’ estado de marginalização social.

Os estudos sociológicos que vem a existir posterior a este momento passam a “ignorar” a especificidade do elemento negro e tratando-o na generalização de políticas universais vêm na revolução brasileira a solução para o Brasil, só quebrada com o surgimento do Teatro Experimental do Negro e a inserção de Guerreiro Ramos nesta organização, o qual passa a rever suas próprias convicções quanto a situação do negro brasileiro, desconstruindo a visão do negro como objeto e criando o debate sobre negro vida, ou seja, o negro como ser humano.

Guerreiro Ramos (1915 à 1982), baiano, negro, jornalista, advogado, filósofo, parlamentar e professor, teve grande destaque no cenário nacional entre as décadas de 1940 à 1960, quando da sua cassação e exílio nos Estados Unidos onde foi professor da Universidade do Sul da Califórnia. Destaco entre as suas contribuições: a não objetificação do elemento negro, até então sendo estudado pela nossa antropologia como objeto; a necessidade do estudo comportamental do branco brasileiro, onde apresenta o um estudo sobre a patologia social do branco; e por último, a defesa de um novo conceito: “redução sociológica” o qual o torna pioneiro na exigência da necessidade de um olhar crítico sobre as diversas teorias universalistas.

É a partir das evidências acima relacionadas que entendemos a necessidade do aprofundamento dos nossos estudos, tendo como ponto de partida a translação conceitual, que conjuntamente com as ações de governo na marginalização social da população negra no pós abolicionismo, terminam por conformar o que chamo aqui de estruturalidade do racismo brasileiro, ao mesmo onde o olhar generalizado para os problemas populacionais brasileiros ganham um novo olhar a partir da formulação do negro-vida por Guerreiro Ramos, em um enfrentamento epistemológico direto à cultura hegemônica, tanto expressa pelo olhar antropológico como sociológico da época.

Entendo assim, que esta pesquisa poderá contribuir de forma significativa na compreensão e desmistificação do problema do racismo, tendo como base uma revisão ou retificação no desenvolvimento das teorias sociais, como forma de fomentar o real debate do papel do Estado brasileiro na conformação da marginalização, estigmatização e constituição de uma sociedade segregada para as populações não brancas, logo, um racismo estrutural.

Neste sentido, este trabalho busca tratar do enfrentamento racismo nacional que se encontra estruturado no seio do Estado brasileiro, tendo como um dos elementos a translação conceitual e/ou modelos societários, que sempre buscaram negar e omitir a nossa pluriétnica.

Para tanto, reivindico o pioneirismo da luta decolonial e a luta contra o racismo no pensamento brasileiro, constante na obra de Guerreiro Ramos, a partir do conceito de redução sociológica que sugere o rompimento com os processos de translação conceitual, colonialidade do poder, ao mesmo tempo, em que indiretamente no primeiro momento, ataca o projeto nacional de branquitude, que consolida a estruturalidade do racismo diante da negação de nossa pluriétnicidade e diversidade cultural.

A redução sociológica proposta por Guerreiro Ramos busca favorecer um pensar a partir da nossa própria realidade, sem que com isso negue os conceitos universalistas, mas, favorecendo a necessária absorção de nossa própria realidade, para tanto, nos utilizaremos ainda do livro do mesmo autor “Introdução Crítica à Sociologia brasileira, UFRJ, 1995”, o qual nos possibilitará uma reflexão crítica do fazer sociologia no Brasil.

Neste sentido, buscaremos evidenciar a ausência de uma sociologia crítica com o problema do racismo onde posteriormente assistimos a necessária compreensão do problema étnico/racial pelo autor, que irá compor seus estudos diante da marginalização socioeconômica e política do elemento negro.

Ao me debruçar diante do necessário estudo sobre a redução sociológica de Guerreiro Ramos, busco compreender a ‘negação’ de brasilidade como política de Estado a qual têm um papel de extrema importância e, é flagrante na nossa historiografia social pós-abolição da escravatura, tendo como base o processo de exclusão, estigmatização e racismo, que sistematicamente foi desenvolvido ao longo dos anos e que se encontra intrinsecamente evidenciando ao meu ver, na colonialidade mental, tão bem definida por Anibal Quijano e na necessária decolonialidade apresentada por Walter D. Mignolo.

Para tanto, buscarei através da utilização do conceito de giro decolonial e do enfrentamento da translação cultural, empreender o referido estudo com o objetivo evidenciar a construção de um conceito hegemônico, baseado na negação das ontologias não brancas, por nossas elites que tem como base às

culturas europeias e estadunidenses, as quais conformaram o pensamento social brasileiro, principalmente nas primeiras décadas da República.

Importante destacar que este conceito de negação das ontologias não brancas, perpassaram e ainda tem grande presença em todos os aspectos da vida social, sendo marcante no que aqui chamaremos de “deformação” social, empreendido com completa aquiescência de amplos setores sociais, mesmo que imperceptível de imediato, no seu afã do país se tornar uma potência econômica e social.

Em síntese, o **PROBLEMA** de nossa pesquisa está no reconhecimento da importância do conceito da redução sociológica apresentada por Guerreira Ramos, diante da necessidade da desmistificação do mascaramento envolto no racismo nacional, com recorte específico na formação do pensamento social brasileiro, representado pela colonialidade mental aqui imposta desde sempre e que se limitou a translação cultural, ao mesmo tempo em que exaltamos a resistência a esta pretensa hegemonia, desenvolvida através de uma epistemologia negra proposta por Guerreiro Ramos, que procurou favorecer uma nova interpretação através das evidências conformadas e que poderá nos possibilitar uma necessária revisão teórica do nosso pensamento social.

3. MARCO TEORICO

O referido estudo se propõe dentro do seu procedimento metodológico conformar através da análise bibliográfica contida na investigação teórica das obras “A redução Sociológica, 1965” e “Introdução Crítica à Sociologia Brasileira, 1995” de Guerreiro Ramos, as quais são retratos da realidade conjuntural de sua época e que nos possibilita acessar a perspectiva da formação do pensamento brasileiro, o racismo estrutural, bem como a questão da colonialidade mental, sendo talvez um dos percussores deste tema em nossa América, tendo como premissa o foco sócio histórico de forma dialética na verificação destes fatos na sua influência na sociedade.

Assim busco a partir deste estudo, sintetizar evidências de um processo sistêmico de colonialidade mental que se desenvolveu e se desenvolve na conformação do pensamento social brasileiro e que se estendeu/estende aos nossos dias, dentro de uma evidenciação da consolidação de um processo de estigmatização, marginalização e estruturalidade do racismo, ao mesmo tempo em que estabeleceu um projeto de branquitude nacional, ao negar peremptoriamente a pluriétnicidade de nossa sociedade.

As evidências de existência de um racismo estrutural ou estruturalidade do racismo nacional se conformam na historicidade social brasileira, a partir das ações desenvolvidas pelo próprio Estado, ao que se refere o abandono de políticas de interação da comunidade negra após a “abolição da escravatura”, a qual é antecedida de uma ampla campanha de embranquecimento físico da população brasileira, através de um projeto sistemático de imigração, voltados exclusivamente a população europeia, leia-se branca.

Encontramos ainda no interior deste Estado, a produção sistêmica de uma legislação, que sobre as influências eurocêtricas dos conceitos racialistas e eugênicos, tem como papel fundamental a criminalização do elemento negro e sua cultura, podendo encontrar no referido período associações eugenistas, como também em um breve estudo, o seu papel influente na sociedade e nas instituições governamentais, ou seja, no aparelho do Estado brasileiro.

Obviamente que está translação conceitual absorvida por nossa elite intelectual, principalmente no que se refere aos conceitos racialistas e eugênicos, são fundantes e fundamentais na conformação do pensamento social brasileiro e que nortearam e ainda norteiam a naturalização do racismo nacional.

Importante destacar que diferentemente de outros países notoriamente racistas, vide os exemplos dos Estados Unidos e África do Sul, o Estado brasileiro, não apenas conforma a estruturalidade do racismo, mas, contribui diretamente na naturalização do mesmo no seio de nossa sociedade, através de uma sistemática

marginalização social da população negra e a criminalização cultural desta camada da população.

Neste sentido é fundante o papel da nossa intelectualidade ora supervalorizando a cultura eurocêntrica, ora descredenciando e desprezando seu ódio a cultura negra, assim assistimos o sistêmico ataques a esta cultura em especial, aos ataques as Religiões de Matrizes Africanas, os quais foram e são desenvolvidos pelas religiões de origem judaico cristã, através da diabolização da cultura religiosa negra, ao mesmo tempo em que exalta a cultura eurocêntrica, em um processo de domesticação e alienação desta população na luta em favor dos seus direitos, os quais facultam a desgraça da miséria a que estão submetidos a conformação divina, onde a plenitude da vida são remetidas a pós morte.

Este quadro de conformação e naturalização do racismo a qual está submetida a população brasileira, com ênfase na situação de segregação a qual está submetida a comunidade negra, se faz necessário a sua desmistificação, visto que, como dizia Nelson Mandela:

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Logo a persistência do racismo em nossa sociedade, é um elemento cultural, que de forma sistêmica se instalou em um movimento de cumplicidade com os mais diversos setores sociais, ora pelo próprio Estado o qual perpetuou a partir da sua omissão em seu enfrentamento, ora disseminado pela nossa intelectualidade, que a partir das translações conceituais e em nome do cientificismo oitocentista, buscou justificar e fundamentar a presença deste mal, e por fim, mas, não menos responsável, através da religiosidade, que na sua efervescência de cristianização do mundo fora do continente europeu, condenou e paganizou outras nações, suas pluriethnicidades e sua diversidade cultural, “diabolizando” suas religiões.

Este projeto de estudo, neste sentido, procura analisar as origens do que chamamos aqui de estruturalidade do racismo, a partir da translação conceitual,

favorecida pela colonialidade de poder, exercido pelo sistema capitalista mundial, que no seu afã de poder, desconhece, segrega e justificativa argumentativamente na imposição de um *modus operandi* que permite a manutenção das desigualdades e o desrespeito a humanidade e a diversidade cultural dos demais povos não brancos.

Proporcionar a compreensão da persistência do racismo em nossa sociedade e as suas consequências no que tange a sua estruturalidade, são os elementos que busco favorecer a partir deste estudo, ao mesmo tempo em que, confrontamos a conformação do pensamento social brasileiro em sua cumplicidade, omissão e passividade diante dos enfrentamentos necessário a necessária superação.

A delimitação temporal que busca atender este trabalho, visto que compreende dois grandes momentos históricos brasileiros, entre a Revolução de 1930 (golpe que derrubou o presidente eleito, Júlio Prestes, pela “política café com leite”) e o Golpe Militar de 1964, os quais são responsáveis pela introdução e desenvolvimento das ciências sociais brasileiras e conseqüentemente, o avanço e consolidação do pensamento social brasileiro e mesmo de um projeto real de nacionalismo.

Não obstante, é importante ressaltar que a literatura dedicada a sociedade brasileira na época em via de regra, não via o elemento negro, como integrante desta, ou seja, este não estava colocado na condição de ser humano na amplitude do termo, tido como algo exótico e objetificado, ao negro em ampla maioria eram dedicados estudos antropológicos, a partir da sua cultura, outrossim, podemos encontrar também estudos dentro da categoria marxista, mas que, busca através de um projeto generalizante o seu enquadramento no processo da “revolução brasileira”, desconectado assim da especificidade e omitindo-se diante do processo sócio histórico a qual foi submetido está população.

A partir da necessidade de revisitar aos estudos até então desenvolvidos e tomando a nossa realidade do negro sócio histórica Guerreiro Ramos concebe o lema negro-vida, ao qual estabelece assim, uma proposta de ressignificação

destes estudos. Na sua visão Guerreiro Ramos caracteriza os estudos antes desenvolvidos como:

“Sobre o problema do negro no Brasil existe farta literatura de caráter histórico e socioantropológico produzida por autores estrangeiros e nacionais. Nesta literatura, em sua quase totalidade, está implícito um modo de ver as relações raciais no país, que se revela, nos dias que ocorrem, em contradição com as tendências de autonomia espiritual e material do Brasil”. Guerreiro Ramos, 1995; p. 163

Parto da necessidade de revisão dos marcos conceituais que conformaram e conformam, até certo ponto, a teoria social brasileira, me referenciando na retomada do conceito de redução sociológica cunhado na década de 1950 por Guerreiro Ramos, em uma análise crítica de nossa realidade sócio histórico; ao mesmo tempo em que dialogaremos com os conceitos de colonialidade do poder, interposto por Anibal Quijano, na associação intrínseca da translação conceitual com o sistema capitalista do mundo globalizado e às questões referentes à “raça”; ampliando por fim, nossos estudos com o diálogo com o conceito de giro decolonial, exposto inicialmente por Nelson Maldonado-Torres em 2005, mas que tomamos neste diálogo a produção de Walter Mignolo.

Neste sentido, o referido estudo possibilita a partir da análise bibliográfica e consequente debate com os conceitos acima apresentados, promover a introdução de ações que objetivem uma intervenção no problema da estruturalidade do racismo, no que concerne a necessária revisão de nossa teoria social, ao mesmo tempo em que se analisa o desenvolvimento dos efeitos da própria intervenção para a legitimação perseguida.

“Envolve apreender os motivos pelos quais estão sendo problematizados determinados modos de entendimento do mundo. Implica em fazer uma análise sociológica da teoria social”. Liedke, 2007. P. 266

Busco aqui apreender dentro da conjuntura da época o debate promovido principalmente pelo autor referencial, mas, sem deixar de dialogar com seus comentadores e outros cânones da nossa literatura e sua atualidade ao que se

refere a estruturalidade do racismo, bem como, a necessidade de um giro decolonial, em uma análise sociológica para uma redefinição de nossa teoria social.

Por fim, mesmo sendo este um pontapé inicial no que se refere a necessidade de revisão de nossa teoria social, me proponho a revisitar as teorias até aqui formuladas, estimular a contextualização sobre o processo que incide na estruturalidade do racismo, sem desprezar as produções conjunturais que muitas vezes desprezam o nosso processo sócio histórico.

4. METÓDOS DE PESQUISA

Buscarei dentro do processo metodológico, a análise das publicações centrais e de literaturas secundárias de comentadores de reconhecidos autores de significativa importância intelectual das obras de Guerreiro Ramos, além da sua luta contra hegemônica na conformação do pensamento social brasileiro, procurando assim constituir uma intertextualidade que nos remeta chaves interpretativas, da evidência conceitual do projeto de branquitude, mesmo não sendo o objeto direto apresentado nas referidas publicações.

Assim nos utilizando da pesquisa bibliográfica através da análise de discurso como principal instrumento de constituição de um diálogo intertextual que me permita consolidar as hipóteses defendida de conformação de um processo de branquitude a qual nos remete a evidência da estruturalidade do racismo, nos seus diversos aspectos sociais, políticos, econômicos e principalmente na solidificação de um pensamento social brasileiro que nega a nossa própria realidade pluriétnica.

Permitindo assim uma consciência crítica sobre a realidade deste pensamento, nos favorecendo para além da apreensão a possibilidade de reelaboração deste pensamento de forma a combater a existência estrutural do racismo,

possibilitando à criação de um diálogo entre a realidade empírica e os conceitos evidenciados no decorrer da pesquisa, possibilitado a partir da análise crítica e favorecendo assim algum tipo de conhecimento.

Assim será desenvolvido uma pesquisa bibliográfica das obras de referências ao trabalho, bem como, a leitura das obras indicadas na bibliografia, passando a produção de fichamento, análise de textos, seleção e leitura de artigos, produção de textos, grupos de estudos, participação em seminários, que nos permita maior apreensão.

As contribuições de Guerreiro Ramos, é o objeto de estudo desta dissertação, buscando se referenciar a realidade conjuntural da época, que problematiza as narrativas da brasilidade em sua negação ou não da negritude e da diversidade cultural, bem como as consequências no reforço ao racismo que explicita a baixa autoestima do povo brasileiro e de suas elites num só tempo.

A revisão bibliográfica traz o acúmulo do debate no pensamento social brasileiro sobre a identidade nacional, sendo que privilegiaremos, além do autor eleito, os comentários críticos sobre o mesmo, além de buscar o debate de Guerreiro Ramos com os intelectuais, Costa Pinto, Abdias do Nascimento e Florestan Fernandes os quais exercerão papéis fundantes na produção do mesmo.

A evidenciação do caráter anti-hegemônico buscado aqui na obra de Guerreiro Ramos, se destaca pela observação ao período anterior das suas obras quando fervilhavam entre nossa intelectualidade e nossas elites os debates sobre as características da nossa nacionalidade, marcada pelo recém saído período do escravagismo, e sendo confrontado com as novas teorias como: evolucionismo, darwinismo social, positivismo, entre outras, e que em conjunto com o programa imigratório brasileiro ganharam força e subsidiaram os argumentos de inferioridade da nossa população, constituída em grande parte por negros escravizados, indígenas e miscigenados, os quais eram responsabilizados pelo atraso econômico, político e social do país.

Estes debates que foram marcados pela forte concepção eurocêntrica – leia-se Europa Ocidental - de nossa comunidade intelectual da época, onde vários interlocutores se destacaram, ao mesmo tempo em que buscaremos analisar o racismo nacional proveniente da opção de nacionalismo pelo Estado brasileiro, onde fomos pautados pela translação cultural, nos levando a conformação de um projeto de branquitude, que se contrasta com o projeto de integração negra apresentado por Guerreiro Ramos, que sem desmerecer a produção intelectual proveniente das grandes potências, concebe a necessidade do recorte específico com base na nossa própria realidade.

Ao nos referenciarmos na defesa de um nacionalismo influenciado pelas concepções eurocêntricas, nos referimos diretamente aos muitos intelectuais aos quais se debruçaram na conformação do pensamento social brasileiro, e que mesmo sem adentrarmos em tais produções, tomaremos estas como referências justamente pela característica da oposição a forma divergente exercida por Guerreiro Ramos, confrontando a teoria hegemônica de eurocentração da nossa sociedade.

Não é demais lembrarmos que a luta contra hegemônica proposta por Guerreiro Ramos, defronta com a realidade conjuntural que vivia sobre os auspícios de um conceito de democracia racial, que perpassou a década de vinte e foi “alcanhada” por Gilberto Freyre, a partir da obra Casa-Grande & Senzala, onde é apresentado os conceitos de “harmonia autoritária” e “equilíbrio de antagonismos” em uma perspectiva de consensuação do processo histórico Brasileiro e que norteou e norteia ainda parte significativa das nossas vidas, a partir da miscigenação étnica e cultural.

Importante destacar a grande influência nesta obra de autores estrangeiros e mesmo a bibliografia utilizada, onde as referências são majoritariamente de leituras de cartas de estrangeiros sobre o Brasil, além da própria metodologia inovadora para época do ensaio. Destaca-se ainda o patriarcalismo como sistema social que dentro de uma plasticidade buscava absorver os excessos conformando o equilíbrio antagônico dentro da dualidade vivida entre

colonizador e colono, senhores e escravizados, em uma “harmonização étnica” proveniente de uma miscigenação que ora aparece violenta, outra consensuada entre os três povos, na conformação de uma nação mestiça.

Por outro lado, buscaremos ainda suscitar mesmo que brevemente o ‘rigor’ exigido por Guerreiro Ramos ao também confrontar o seu conceito de redução sociológica, as translações advindas de pesquisadores de esquerda ou com bases nos conceitos marxistas.

Importante destacar que a confrontação com os projetos burgueses e marxistas levam Guerreiro Ramos a defesa do desenvolvimentismo nacional, inclusive sobrepujando inicialmente a questão da negritude ou do racismo brasileiro.

A ebulição a qual perpassa o país no que tange a sua própria superação, buscando sair do seu estágio agropecuário com a introdução de um parque industrial, nos impõem um novo pensar e dentro desta conjuntura que são pautadas a demanda do ser humano negro, onde de um lado o projeto nacional é pautado pelo nacional desenvolvimentismo e por outro lado à ascensão do Partido Comunista Brasileiro nos leva a pautar uma revolução brasileira.

Neste cenário que se localiza o nosso estudo, tendo a resistência contra hegemônica desenvolvida pelo Teatro Experimental do Negro como a organização a pauta a luta negra e que encontra em Guerreiro Ramos, após a sua integração a esta organização como um dos principais interlocutores no meio acadêmico e intelectual.

Buscaremos ainda, dentro da confrontação do pensamento hegemônico – projeto de branquitude – com a resistência epistemológica negra destacar em rápidas pinceladas o diálogo entre Guerreiro Ramos, Costa Pinto, Abdias do Nascimento e Florestan Fernandes com o objetivo de contextualizar melhor este processo de resistência, o qual somos herdeiros.

Observaremos a partir do diálogo entre estes autores o enfrentamento da carga teórica preconceituosa, a qual foi e é composta a formação do pensamento social brasileiro, em relação a questão da negritude e conseqüentemente a estruturação do racismo, onde Guerreiro Ramos sentencia:

“O negro tem sido estudado, no Brasil, a partir de categorias e valores induzidos predominantemente da realidade europeia. E assim, do ponto de vista da atitude ou da ótica, os autores nacionais não se distinguem dos estrangeiros, no campo do apreço”. RAMOS, Alberto Guerreiro. 1981. p. 39

Aqui não podemos deixar de destacar que tanto, Guerreiro Ramos como Abdias do Nascimento e Florestan Fernandes desenvolveram papel significativo, como militantes antirracistas, intelectuais e como parlamentares que foram diante da incansável luta de resistência negra e pela superação do racismo.

É entendido no produzir da pesquisa, a necessidade de realização de um diálogo intertextual a partir de um movimento dialógico, entre o que podemos contextualizar a partir das leituras com as hipóteses pretendidas, em busca de configurar a problematização da realidade do pensamento brasileiro não atendido nas teorias universalizantes, possibilitando assim a apreensão de novos conhecimentos que nos possibilite um giro decolonial.

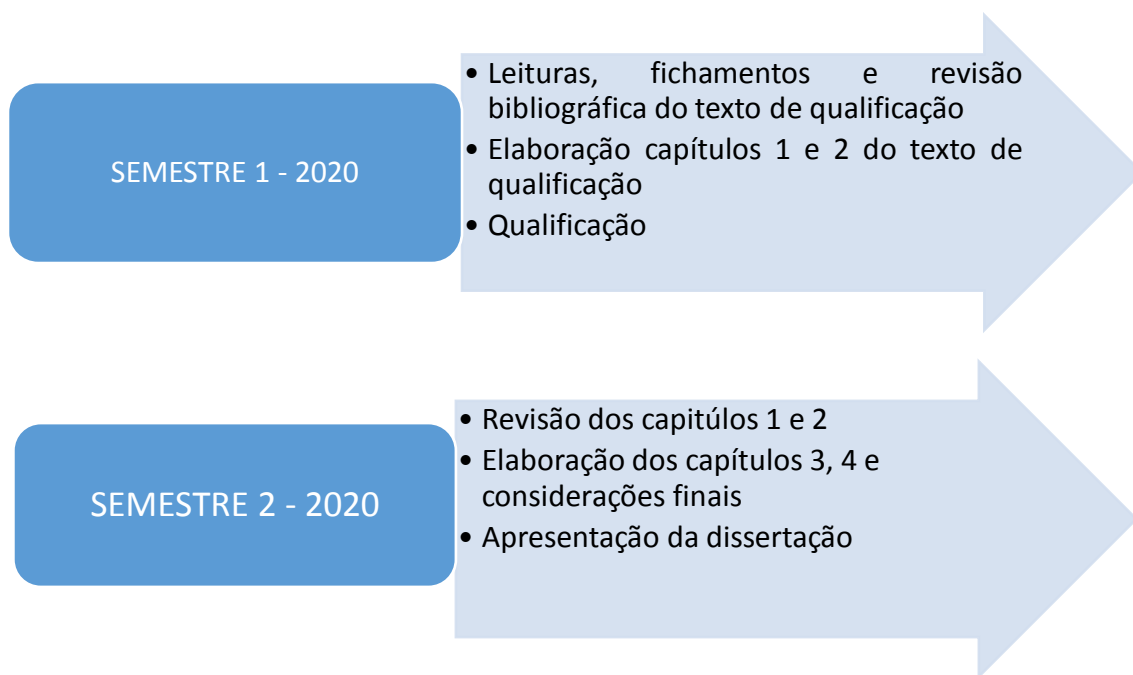
É importante destacar que durante todo o nosso processo histórico brasileiro, é marcado por significativas interrupções no interior do Estado ou melhor dizendo de governos, visto que é inexistente a presença de um sistema democrático pleno, assim na estratégia de narrativa estaremos tentando elencar passagens da nossa realidade política com o processo de construção de uma forma de pensamento social brasileiro, principalmente, porque encontraremos evidências significativas nos processos de interrupções governistas ou golpes na frágil democracia, da existência de um retorno ao período colonial/imperial, ou mesmo, aos tempos da velha República, com uma forte segregação social.

Neste sentido a necessidade de uma análise teórica nas bases sociológicas do pensamento social brasileiro se mostra imprescindível tanto no que se refere, ao próprio exercício da sociologia, bem como, diante das consequências exercidas por esta prática diante da realidade sócio histórica, principalmente no tocante a presença negra no Brasil.

Assim em nosso entendimento com base nas evidências aqui levantadas, se encontra explícito a necessidade de um novo olhar sociológico desta realidade, ou seja, uma mudança radical no fazer e no atuar da sociologia, para tanto, entendemos como necessário a retomada do processo proposto por Guerreiro Ramos, através da sua “redução sociológica” em um processo de giro decolonial, que nos remeta a um olhar a partir da nossa própria realidade sócio política, o que não significa como bem deixou explícito Guerreiro Ramos, o desconhecimento e as contribuições significativas do universalismo sociológico proposto por autores estrangeiros, e sim, a sua limitação dentro de um contexto nacional específico.

O estudo sociológico aqui proposto pretende em um primeiro momento dessacralizar o *modus operandi* até hoje exercido por nossa sociologia, presa as amarras da translação conceitual, ao mesmo tempo em que busca criar freios na naturalização do estigma nacional, no tocante a população negra e consequentemente o combate incessante a estruturalidade do racismo.

5. CRONOGRAMA



6. PRODUTOS

Criação de grupo de estudos, (já acordado com a orientadora, subgrupo, decolonialidade e racismo);

Participação e defesa de artigos em seminários e/ou congressos;

Publicação de artigos em revistas especializadas, ex. Revista ABPN;

Publicação de artigos em revistas eletrônicas da área de Ciências Sociais.

7. CAPÍTULOS DA DISSERTAÇÃO

Capítulo 1 – Uma vida guerreira

Procuo desenvolver neste capítulo uma pequena biografia de Guerreiro Ramos situando-o dentro da conjuntura da época, a sua relação com os diversos movimentos e sua participação intelectual, em uma breve, contextualização dos

elementos fundantes da referida pesquisa, luta contra o racismo e decolonialidade.

Capítulo 2 - Marco teórico

Delimitação dos conceitos a serem abordados na dissertação e o seu desenvolvimento

Capítulo 3 - A Luta Antirracista, Projeto de Branquitude e Resistência Epistemológica

Buscaremos evidenciar a inexistência de reconhecimento de nossa pluriétnicaidade e a conseqüente conformação de um projeto de branquitude e branquitude naturalizado no interior da sociedade, ao mesmo tempo em que minimiza a luta antirracista e torna invisível a resistência epistemológica travada por inúmeros intelectuais contra hegemônicos.

Capítulo 4 - Colonialidade Mental, Redução Sociológica e não Brasilidade

Trabalharei aqui a perspectiva evidenciada da transplantação conceitual advinda da nossa intelligentsia na conformação do pensamento social brasileiro, ao mesmo tempo em que analisaremos a proposição de redução sociológica em um confronto necessário para a sociologia exercida no Brasil e que nos impõem um sentimento de não pertencimento ou mesmo de brasilidade.

Capítulo 5 – Considerações Finais

Tendo o presente estudo como não conclusivo, entendo que este deverá se estender a partir do desenvolvimento e ampliação de seus estudos, os quais serão disponibilizados através de artigos para organizações e revistas especializadas – ex. ABPN, desenvolvimento de grupos de estudos, participação em seminários e congressos.

Neste sentido, é importante a ênfase de pontos significativos para a sociologia brasileira e mesmo universal a partir da constatação da necessidade do entendimento local da realidade a ser estudada, apresentada aqui através do conceito de redução sociológica.

Diante da constatação dos elementos sociológicos específicos da realidade brasileira, no que concerne a nossa pluriétnica e diversidade cultural, o qual é expresso na necessidade do estudo do ser humano negro, a partir da conceituação de negro-vida, deslocando do conceito objetificado como até então vinha sendo estudado por nossa intelectualidade, além do necessário estudo do ser humano branco ou branca como bem definido por Guerreiro Ramos.

Não obstante, não podemos escamotear, que infelizmente Guerreiro Ramos, não atentou-se que mesmo com a identificação de tais elementos conceituais, não identificou os mesmos com o que chamaremos aqui de projeto de branquitude, estruturalidade do racismo e negação da pluriétnica, em um processo de harmonia étnico racial que sustentou e sustenta a existência de um racismo estrutural, enraizado no cerne da sociedade e por esta mesmo alimentado até os nossos dias.

8. REFERÊNCIA

ALMEIDA, Ronaldo de. **Estudo de caso: foco temático e diversidade metodológica**

SILVA, Marina Jorge da & MALFITANO, Ana Paula Serrata. **Pesquisas bibliográficas nos moldes “estado da arte”: produção de conhecimento científico**

LEMIEUX, Ciyril. **A escrita sociológica.** p 307 - 324

CATALÁN, Marcelo Moraga. **Notas sobre el processo heurístico en la elaboración del objeto de investigación y su expresión teórica**

Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas –
Departamento de Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia

WEISS, Raquel. **“A teoria sociológica como área de pesquisa: justificativa e formas de atuação”**. IN: ROBERTT, Pedro; RECH, Carla; LISDERO, Pedro; FELLINI, Rochele. Metodologia em Ciências Sociais Hoje: perspectivas epistemológicas, reflexões teóricas e estratégias metodológicas (Volume 1). Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 51-74

LACERDA, João Baptista. Relatório do Congresso Universal das Raças. Biblioteca do Museu Nacional. UFRJ

LIEDKE, Élide Rubini. **Breve indicações para o ensino de teoria sociológica hoje**. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 266-278

Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo. Sesc São Paulo/CEBRAP São Paulo, 2016

NICOLAU, Jairo. Breve roteiro para redação de um projeto de pesquisa. Revista Estudos Políticos, n. 6 2013 - 1

8.1.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS EM ANÁLISE

ABRANCHES, Aparecida Maria. **Guerreiro Ramos, um sociólogo em “mangas de camisa”**: o processo formativo de uma teoria social para nações em processo de **descolonização**. ARGUMENTOS, Revista do Departamento de Ciências Sociais da UNIMONYTES, p. 123- 156

ANTELO, Raul. Ensaio crítico, vanguarda e intelectualidade – Guerreiro Ramos, o não contemporizador. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2016> v. 18 n. 1 jun2016 p. 13-38

AZEVEDO, Ariston & ALBERNAZ, Renata Ovenhausen. **Alberto Guerreiro Ramos, um deputado.**

BARIANI, Edison. **Guerreiro Ramos: uma sociologia em mangas de camisa.** CAOS – Revista eletrônica de ciências sociais. N. 11 outubro/2006. Pag. 84-92. ISSN 1557-6916

BARBOSA, Muryatan Santana. **Guerreiro Ramos: o personalismo negro.** Tempo social, revista de sociologia da USP, v. 18, n 2

BARBOSA, Muryatan Santana. O TEN e a negritude francófona no Brasil, recepção e inovações. RBCS, v. 28, n. 81 fevereiro/2013

BRINGEL, Breno, LYNCH, Christian Edward Cyril & Maio, Marcos Chor. **Sociologia periférica e questão racial: revisitando Guerreiro Ramos.** Caderno CRH, Salvador, v. 28 n.73, p. 9-13 jan/abr 201

CAMPOS, Luiz Augusto. **“O negro é povo no Brasil” afirmação da negritude e democracia racial em Alberto Guerreiro Ramos (1948-1955).** Caderno CRH, Salvador, v. 28 n. 73 p. 91-110, jan/abr, 2015

CRUZ, Leonardo Borges da. **A FORMAÇÃO DISCURSIVA PÓS-COLONIAL EM ALBERTO GUERREIRO RAMOS.** Revista da ABPN • v. 10, n. 25 • mar – jun 2018, p.141-164 DOI 10.31418/2177-2770.2018.v10.n.25.p141-164

GARCIA, R.M. **A via de um guerreiro ... com sabedoria e senso de humor: uma sinopse da obra de Guerreiro Ramos.** R. Adm. Publ. Rio de Janeiro 17(1) p. 107-126. jan/mar 1983

Gomes, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **O problema do negro na sociologia brasileira.** Transcrito de Cadernos de Nosso Tempo, 2(2), jan/jun 1954. Republicado em Simon

Schwartzman, editor, O pensamento nacionalista e os “Cadernos de nosso tempo”. Brasília, Câmara dos Deputados e Biblioteca do Pensamento Brasileiro, PP. 39-60

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A redução sociológica (Introdução ao estudo da razão sociológica)**. 2ª Edição. 1965. Coleção Tempo Novo 2. Edições Tempo Brasileiro LTDA. Rio de Janeiro

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 1995

HOFBAUER, Andreas. **Branqueamento e democracia racial: sobre as entranhas do racismo no Brasil**

JUNIOR, Wilson Pizza. **Trajetória parlamentar de Alberto Guerreiro Ramos**. RAP Rio de Janeiro, 31(5) p. 24-28, set/out, 1997

KERN, Gustavo da Silva. **Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: o debate em torno da democracia racial no Brasil**. *Revista Historiador*, Número 06. Ano 06. Janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>.

LEITE, Júlio Cesar do Prado. **Guerreiro Ramos e a importância do conceito de redução sociológica no desenvolvimento brasileiro**. R. Adm. Publ. Rio de Janeiro, 17(1) p. 77-83 jan/mar 1983

LIMA, João Vicente Ribeiro Barroso da Costa. **A sociologia do conhecimento de Guerreiro Ramos**.

LYNCH, Christian Edward Curil. **Teoria pós-colonial e pensamento brasileiro na obra de Guerreiro Ramos: o pensamento sociológico (1953-1955)**. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792015000100003>

MAIA, João Marcelo E. **Reputações à brasileira: o caso de Guerreiro Ramos**. *Sociologia&Antropologia* v. 02.04 p. 265-291, 2012

MAIA, João Marcelo Ehlert. **A sociologia periférica de Guerreiro Ramos**. Caderno CRH, Salvador v. 28 n. 73, p. 47-58, jan/abr 2015

MAIO, Marcos Chor & LOPES, Thiago da Costa. **Da Escola de Chicago ao nacional-desenvolvimentismo: Saúde e Nação no pensamento de Alberto Guerreiro Ramos (1940-1950)**. Sociologias, Porto Alegre, ano 14 n. 30, mai/ago, 2012, p. 290-329

MAIO, Marcos Chor. **Uma polêmica esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o tema das relações raciais**. Dados vol. 40 n. 1 Rio de Janeiro, 1997

MAIO, Marcos Chor. **O projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50**. RBCS vol. 14. N. 41 outubro/99.

MAIO, Marcos Chor. **Cor, intelectuais e nação na sociologia de Guerreiro Ramos**. Cad.EBAPE.BR, v. 13, Edição Especial, artigo 5, Rio de Janeiro, set. 2015

MAIO, Marcos Chor. **Guerreiro Ramos interpela a UNESCO: ciências sociais, militância e antirracismo**. Caderno CRH, Salvador, v. 28 n. 73 p. 77-89, jan/abr 2015

MATTA, João Eurico. **Alberto Guerreiro Ramos: Reflexão preliminar sobre sua trajetória intelectual, em homenagem póstuma**. R. Adm. Publ. Rio de Janeiro, 17(1) p. 85-106, jan/mar 1983

MOTTA, Luiz Eduardo. **A política do Guerreiro: nacionalismo, revolução e socialismo no debate brasileiro dos anos 60**. O&S Salvador, v. 17, n. 52, p. 85-101, janeiro/março-2010.

MOTTA, Roberto. Gilberto Freyre, René Ribeiro e o Projeto da UNESCO

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Guerreiro ontem, Guerreiro hoje**. RAP Rio de Janeiro. 31(5) p. 9-14 set/out 1997

ORTEGA, Leonardo. **Relações raciais no Brasil: colonialidade, dependência e diáspora**. Serv. Soc. Soc. São Paulo n 133, p. 413-431, set/dez 2018

QUIJANO. Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** Perspectivas latino-americanas Edgardo Lander (org). Colección Sur. CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. PP. 227 – 278

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade e modernidade/racionalidade.** In: BONILLO, Heraclio (comp) Los conquistados. Bogotá: Tecer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992 pp 437-449. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento

SHIOTA, Ricardo Ramos. **GUERREIRO RAMOS E A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL.** *Temáticas*, Campinas, 22, (43): 73-102, fev./jun. 2014

SILVA Josefina da. **A união dos homens de cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50**

SIQUEIRA, Gabriel Dread. Alberto Guerreiro Ramos, vida e obra do maior sociólogo do Brasil. <https://irradiandoluz.com.br/2008/06/albertoguerreiroramos.html>

SOARES, Alves L. A. **Guerreiro Ramos: a trajetória de um pensamento.** RAP Rio de Janeiro 29 (2) p. 33-50, abr/jun. 1995

SOUZA, Gustavo Costa de. **Alberto Guerreiro Ramos e a autonomia dos estudos organizacionais críticos brasileiros: esforços de uma trajetória intelectual.** Cadernos EBAPE. BR, V. 13, ARTIGO 2, Rio de Janeiro, jul/set 2015